



LACUNAS ENTRE A ESCOLA E O ENSINO SUPERIOR: O PIBID COMO POSSIBILIDADE DE INTEGRAÇÃO

Alana Lorrana de Santana Martins Ramos ¹

Giovana Almeida Ravena de Souza ²

Ana Paula Paulino de Oliveira ³

Sérgio Alvarez da Silva ⁴

Ailton José Morelli ⁵

RESUMO

A presente comunicação propõe uma discussão crítica sobre o distanciamento entre a formação acadêmica e a realidade escolar, investigando seus impactos na educação pública brasileira. Analisamos a precarização do ambiente escolar, muitas vezes moldado pelas demandas neoliberais do mercado de trabalho, o que cria desafios na transição dos saberes universitários para a prática docente. Neste contexto, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é discutido como uma ponte essencial entre a universidade e a escola, atuando como uma ferramenta de aproximação que integra a teoria e a práxis. Nosso referencial teórico-metodológico se baseia na pedagogia discutida por Paulo Freire, que nos auxilia a argumentar em defesa de uma docência sem hierarquias e de uma educação emancipatória. O estudo busca demonstrar como a educação libertadora, que promove a construção crítica do conhecimento e a participação ativa dos alunos, se opõe à visão do professor como mero executor de diretrizes. Assim, os resultados apontam para a importância de uma formação docente que capacite o professor como mediador do conhecimento, capaz de transformar a realidade escolar e combater a alienação do trabalho docente.

Palavras-chave: Ensino de história, PIBID, Formação docente, Educação pública.

INTRODUÇÃO

O cenário da educação no Brasil tem como características tensões dialéticas entre as necessidades emancipatórias da sociedade e as pressões redutoras colocadas pelo neoliberalismo. Além disso, essa tensão se manifesta na formação docente, onde há um distanciamento significativo entre os saberes acadêmicos da universidade e o saber da realidade escolar. Esse distanciamento decorre de uma organização curricular fragmentada, que dificulta a articulação entre os saberes necessários para o exercício da profissão docente e

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra129579@uem.br;

² Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra140990@uem.br;

³ Mestranda do Curso de História da Universidade Estadual de Maringá - UEM, pg406309@uem.br;

⁴ Mestre pelo Curso de História da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, ssergio@escola.pr.gov;

⁵ Professor orientador: Doutor, Departamento de História - UEM, ajmorelli@uem.br.





compromete a construção de uma formação mais integrada e reflexiva (LUCENA, et al., 2020). Essa lacuna entre teoria acadêmica e demandas práticas da docência não é acidental, e acaba contribuindo para a precarização do trabalho docente, onde o professor é transformado, muitas vezes, em um técnico burocrático. Desse modo, o ensino fica alinhado às demandas do mercado de trabalho que valorizam a eficiência e o quantitativo em detrimento da reflexão crítica.

Por meio da nossa vivência na escola através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), observamos que as aulas não promovem um pensamento crítico dos alunos, tendo em vista que no Estado do Paraná as aulas chegam prontas para o professor. O excesso das plataformas fornecidas pelo governo estadual através de mecanismos tecnológicos diversos disponibilizados pela Secretaria de Educação, limitam o papel do professor, e assim o ensino se torna condicionado ao que o governo quer desenvolver nas escolas.

É possível observar que a educação contemporânea enfrenta desafios complexos, especialmente acerca da formação de professores e sua atuação nas escolas. O abismo gerado a partir desse distanciamento dificulta a adaptação dos novos professores ao ambiente escolar, gerando insegurança, falta de preparo para lidar com as adversidades do ensino e uma possível evasão profissional nos primeiros anos de atuação. Esses fatores influenciam diretamente a qualidade da educação, o que torna essencial a reflexão sobre as práticas formativas mais alinhadas à realidade escolar. (SILVEIRA, et al., 2025).

Mais específico na área do Ensino de História, essa fragmentação da formação docente impacta diretamente na capacidade do futuro do professor de transcender a mera cronologia do ensino factual e promover o desenvolvimento da consciência histórica do indivíduo. Por isso, esse trabalho pretende falar do desafio de formar um professor que consiga trabalhar a teoria crítica com a prática pedagógica, e por sua vez fugir do modelo de educação bancária e da docência como pura execução do cronograma curricular.

Diante disso, o PIBID, é trabalhado como um mecanismo de superação da dicotomia teoria e prática, tendo em vista que o programa se torna uma ponte essencial que insere o professor em formação no cotidiano escolar. Propomos discutir o PIBID à luz de uma visão teórica que não só critica o projeto neoliberal, mas que também defende a educação emancipatória e a formação do pensamento histórico-crítico. Dessa forma, se demonstra a importância de uma formação que capacite o professor como mediador do conhecimento,





sendo capaz de transformar o ambiente escolar e lutar contra o ensino tecnicista e bancário, onde os alunos se tornem cidadãos críticos capazes de participar ativamente na sociedade.

METODOLOGIA

O presente trabalho busca trazer uma abordagem de pesquisa de natureza qualitativa, baseada no princípio da dialética. Este método serve para a análise de um objeto complexo como a formação docente, permitindo ir além da descrição empírica para investigar as múltiplas determinações históricas, políticas e econômicas que modelam a relação universidade-escola e o trabalho do professor. Portanto, o processo metodológico está baseado na revisão bibliográfica crítica aprofundada e estruturada em alguns pontos essenciais que guiarão este trabalho. Em primeiro lugar, a crítica estrutural à educação, por meio de autores da Pedagogia Histórico-crítica, como Dermeval Saviani, onde será analisada a crise da educação brasileira sob a ótica da relação entre trabalho e sociedade, e como o tecnicismo e neoliberalismo reduzem o papel social da escola.

O segundo pilar fundamental para o desenvolvimento deste trabalho é a ideia da pedagogia emancipatória, na perspectiva de Paulo Freire, com foco no diálogo, conscientização e práxis (ação-reflexão-ação), que se fundamenta na defesa da docência sem hierarquia. E por último, a didática da história e consciência histórica. Que por meio dos pressupostos de Jörn Rüsen e de outros autores da área de Ensino de História, como Célia Perusso e Circe Bittencourt. Por meio deles, contextualizamos como a precarização afeta o ensino da disciplina e em como a formação pibidiana pode combater narrativa tradicional da história, bem como a memorização factual.

Nessa estrutura de pesquisa e os referenciais teóricos, é possível construir um argumento que não só coloca o PIBID como um meio de superação da dicotomia, mas o posiciona como uma ferramenta política de resistência, onde se torna próximo a busca por um ensino crítico, que forma seres pensantes e transformadores.

LUTA CONTRA A EDUCAÇÃO NEOLIBERAL E O PAPEL DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

O cenário de precarização do processo de formação do professor não pode ser separado do avanço neoliberal na educação, que por sua vez impõe uma racionalidade gerencialista sob a perspectiva da produtividade e eficiência. Assim, o professor é pressionado





a ser um técnico que “entrega resultados”, e a escola é vista como uma empresa que precisa ser dirigida.

A pressão por resultados, a intensificação do trabalho e a exigência de desempenhar múltiplas funções sem o suporte adequado contribuem para o desgaste físico e emocional dos docentes. Além das atividades pedagógicas, os professores ainda lidam com a gestão de conflitos em sala de aula, demandas burocráticas, avaliação de desempenho e adaptação a novas metodologias, frequentemente sem respaldo institucional. (MOURA, et al., 2019).

Ainda de acordo com Moura et al. (2019), a precarização não apenas compromete a qualidade de ensino, mas impacta diretamente a saúde dos docentes, tornando urgente a implementação de políticas públicas que garantam melhores condições de trabalho e valorização da profissão. O estresse contínuo, associado à falta de autonomia e à pressão por resultados, intensifica o quadro de adoecimento, levando a afastamentos por motivo de saúde, readaptação de função ou ao abandono da carreira. A ausência de políticas eficazes de suporte psicológico e assistência à saúde, associadas à falta de reconhecimento da profissão, agravam a situação, tornando o ambiente escolar um espaço de constante desgaste emocional.

Em contrapartida, a Pedagogia Histórico-Crítica, desenvolvida por Dermeval Saviani, critica o tecnicismo e o esvaziamento do conhecimento escolar, onde o autor defende a escola como um meio que promove o acesso ao saber histórico. A crítica de Saviani aponta que o neoliberalismo, ao fragmentar o conhecimento e dar ênfase a competências superficiais e utilitárias, impede que os alunos se apropriem das ferramentas conceituais necessárias para a leitura crítica da realidade. A formação docente, para ser crítica, deve, portanto, capacitar o futuro professor a selecionar e mediar os conhecimentos essenciais para a emancipação social, combatendo o reducionismo curricular.

Nesse sentido, o distanciamento entre o que é ensinado nas universidades e o que é exigido nas escolas tem sido um dos maiores obstáculos para os futuros professores. Muitos licenciandos chegam às escolas sem a preparação necessária para enfrentar os desafios concretos do cotidiano escolar. Ao longo da formação inicial, muitos educadores são apresentados a situações e metodologias teóricas que, embora importantes, nem sempre se aplicam diretamente à prática que vivenciarão nas escolas. O impacto desse descompasso é notável, pois, ao encontrarem a complexidade da realidade escolar, muitos professores se veem despreparados para lidar com as demandas do dia a dia escolar. (SILVEIRA, et al., 2025).





O pensamento de Paulo Freire (1921-1997) é o pilar da nossa defesa por uma formação emancipatória. Freire condena a educação bancária, que deposita saberes nos alunos de forma verticalizada, e propõe a educação libertadora, cujo cerne é a dialogicidade e a práxis — a relação indissociável entre a ação no mundo e a reflexão sobre essa ação.

A contribuição de Freire reside na defesa de que o ato de educar é inerentemente político. O professor não é neutro; ele deve atuar como um sujeito histórico que, junto com o aluno, busca a conscientização e a transformação da realidade. O conceito de docência sem hierarquias é fundamental: professor e aluno são sujeitos do processo de conhecimento, tornando o primeiro um mediador que desafia o aluno a pensar, e não um mero transmissor de informações. A práxis freireana exige que o licenciando aprenda a refletir criticamente sobre as estruturas de poder e as desigualdades que se manifestam no cotidiano escolar.

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E NARRATIVIDADE

A Didática da História, crucial para a área de atuação do professor, ganha profundidade com a obra de Jörn Rüsen. Rüsen argumenta que a História não é apenas um conjunto de fatos, mas sim uma ciência que produz sentido sobre o tempo e a experiência humana através da narrativa. Seu conceito central é a consciência histórica, que é a operação mental pela qual o indivíduo relaciona passado, presente e futuro para se orientar na vida prática.

O Ensino de História, portanto, não pode ser uma prática de memorização; deve ser um espaço para o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica. O professor, como mediador, tem a tarefa de transformar o conhecimento histórico em ferramenta de orientação para a vida do aluno. A formação alienada, focada apenas na transmissão de conteúdos, gera o que Rüsen chamaria de consciência histórica tradicional (que apenas legitima o presente) ou exemplar (que busca lições prontas no passado). A formação via PIBID, ao promover a reflexão e a intervenção, deve capacitar o licenciando a desenvolver a consciência histórica crítica, que questiona o passado para transformar o presente.

A FRAGILIDADE DA FORMAÇÃO ACADÊMICA E A CRISE DA MEDIAÇÃO

O distanciamento entre a universidade e a escola cria um profissional vulnerável à lógica da execução. Ao ter pouco contato com os desafios concretos do Ensino de História na escola pública (como a falta de fontes primárias, a multisseriabilidade da turma ou a resistência





em sair do ensino meramente factual e em alguns lugares a plataformização), o licenciando tende a idealizar a prática ou a se render ao modelo transmissivo.

Essa separação entre a formação inicial e continuada de professores e o ambiente escolar pode ser compreendida dentro da lógica de alienação do trabalho docente, como salienta Silveira *et al.* (2025). Para Engels (1976), em “A Dialética da Natureza”, a distinção entre o trabalho ideal (intelectual) e material (manual) não é natural, mas sim um resultado de relações sociais específicas. No contexto educacional, essa separação se manifesta na desconexão entre a formação teórica dos professores e a realidade concreta da sala de aula, tornando o conhecimento acadêmico abstrato e distante dos desafios práticos do ensino. (ENGELS, 1976 apud SILVEIRA *et al.*, 2025).

Essa dicotomia reflete uma forma de controle do trabalho docente, em que políticas educacionais e modelos de formação fragmentados contribuem para a desvalorização do professor tanto como intelectual quanto trabalhador. Tal segmentação reforça a concepção do professor como mero executor de diretrizes externas, reduzindo seu protagonismo na construção do conhecimento e no processo educativo. Como consequência, essa alienação impacta diretamente a qualidade da educação, ao impedir que a formação docente responda de maneira eficaz às demandas reais da escola e dos alunos. (ENGELS, 1976 apud SILVEIRA *et al.*, 2025).

Assim temos a crise da mediação. Esta reside no fato de que o professor não formado na práxis não consegue conectar o conhecimento histórico (o passado) com os "temas geradores" do presente do aluno. Ele se torna, conforme a crítica de Saviani, um aplicador de métodos descontextualizados, incapaz de promover a apropriação do saber como instrumento de transformação. Essa docência alienada é o oposto da figura do professor-mediador defendida por Freire e do formador da consciência histórica crítica de Rüsen.

O PIBID atua como um laboratório vital para a superação dessa crise, especialmente na área de História. A inserção do licenciando no ambiente escolar permite que a teoria acadêmica — a crítica de Saviani, os princípios de Freire, e a teoria de Rüsen — seja confrontada e validada pela realidade. No PIBID, o futuro professor de História é desafiado a ir além da leitura de textos didáticos. Ele precisa questionar se o currículo em vigor serve à emancipação (Freire) ou à adaptação ao mercado (Saviani). Criar planos de aula que estimulem os alunos a interrogar as fontes e a construir suas próprias narrativas históricas, ligando o passado ao presente e futuro, em vez de apenas memorizar datas. Ademais, é





preciso implementar metodologias que promovam a dialogicidade em sala, reconhecendo o aluno como um ser histórico que já possui noções e experiências sobre o tempo.

Dessa forma, o PIBID se torna um espaço de resistência ativa. O bolsista é treinado a ser um professor-intelectual, que não se submete à lógica do executor de diretrizes, mas sim atua como um mediador que constrói o conhecimento de forma compartilhada e crítica. O programa permite a vivência da docência sem hierarquias, essencial para o desenvolvimento da autonomia profissional e para o combate à precarização do magistério.

A finalidade da educação libertadora é clara: a construção do conhecimento deve levar à transformação da realidade. Para o Ensino de História, isso significa transformar a narrativa histórica em uma ferramenta para a compreensão das estruturas sociais e das possibilidades de mudança.

A alienação do trabalho docente, por sua vez, busca exatamente o contrário: a neutralização da capacidade crítica do professor e do aluno. Ao insistir em avaliações padronizadas e no cumprimento mecânico de conteúdos, a lógica neoliberal busca desumanizar o processo educativo. A formação via PIBID, ao integrar a práxis (Freire), a consciência histórica (Rüsen) e a crítica estrutural (Saviani), capacita o professor para uma docência que é, essencialmente, um ato de resistência e de transformação social. Este professor é, portanto, o mediador capaz de romper com o ciclo de alienação e de construir uma educação verdadeiramente pública e emancipatória.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a vivência pibidiana no Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá, foi possível observar que os professores têm resistido a ter sua prática e desempenho controlados pela métrica das plataformas, que na maioria das vezes priorizam uma suposta eficiência em detrimento da qualidade pedagógica e da sempre necessária interação humana. A plataformização é um forte inibidor da transmissão do conhecimento, e é um dos grandes exemplos do ensino raso que está sendo estabelecido nas escolas. Os profissionais estão percebendo que a sua liberdade de cátedra e criatividade tem sido reduzidas em nome da aplicação das novas tecnologias. Nesse sentido, os docentes se veem mais como operadores de plataformas do que educadores autônomos.





A lógica da plataformização é o exemplo mais contemporâneo dessa alienação no sentido marxista. A docência passa a ser mediada por ferramentas digitais que, embora se apresentem como inovações, na prática, visam a ter a prática e o desempenho controlados pela métrica das plataformas. O produto do trabalho do professor – sua criatividade, planejamento autônomo e interação humana – é expropriado, tornando-se uma mercadoria controlada e apropriada pela empresa desenvolvedora ou pela Secretaria de Educação. Essa dinâmica faz com que os docentes se vejam mais como operadores de plataformas do que educadores autônomos, reforçando o enfraquecimento da intencionalidade formativa em favor da adaptação imediata e utilitária.

No que diz respeito aos alunos, que formam os agentes receptores do conhecimento, supostamente mediado pelo professor, nos dias atuais, ao analisarmos os questionários preenchidos por estes em um instrumento de avaliação encaminhado trimestralmente em momentos anteriores ao Conselho de Classe, denominado “Pré-conselho” uma observação é bastante comum. Os alunos, na maioria das turmas, criticam a utilização em excesso das plataformas, notadamente as aulas prontas disponibilizadas por meio do aparelho que se faz presente em todas as salas de aulas chamado: EDUCATRON. Segundo este entendimento, os alunos valorizam mais quando os professores das diferentes áreas ministram suas aulas utilizando-se de materiais por estes planejados ou criados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo propôs uma análise crítica do distanciamento entre a formação acadêmica e a realidade escolar, situando este problema no contexto da precarização e da racionalidade neoliberal que atinge a educação pública brasileira. Argumentamos que, para combater a redução do professor à figura de executor de diretrizes, é fundamental uma formação que se ancore na práxis reflexiva.

Evidenciamos como a formação docente precisa garantir a articulação entre os saberes específicos e pedagógicos, promovendo um ensino significativo que vá além da mera reprodução de conteúdo. Isso possibilita ao professor atuar como mediador do conhecimento, capaz de adaptar sua prática às necessidades dos alunos e ao contexto educacional em constante transformação. Para isso, é fundamental que o professor, durante sua formação, tenha contato com seu futuro ambiente de trabalho, para que possa compreender de fato esse espaço e se sinta mais preparado para enfrentar os desafios e as pluralidades presentes no cotidiano das escolas. (AMORIM; FERNANDES, 2018).





Neste sentido, o PIBID se revela um programa de formação de extrema relevância, pois funciona como um espaço de **práxis crítica** que permite ao futuro professor de História articular os pressupostos de Paulo Freire (docência dialógica e emancipatória), de Dermeval Saviani (crítica ao tecnicismo) e de Jörn Rüsen (desenvolvimento da consciência histórica).

A docência crítica exige um professor que seja um mediador do conhecimento, capaz de utilizar o saber histórico como instrumento para a leitura e a transformação do mundo, fugindo da mera transmissão factual. Os resultados apontam que a manutenção e o fortalecimento de programas de inserção precoce como o PIBID são cruciais para a consolidação de uma formação docente que se oponha à alienação e que seja, de fato, libertadora. É através da formação na práxis que o professor pode recuperar sua autonomia intelectual e seu papel político-social na luta por uma educação pública de qualidade. Defende-se, portanto, a continuidade das políticas públicas de integração universidade-escola, bem como o investimento em pesquisas que avaliem o impacto da formação crítico-histórica (baseada em Rüsen) nos egressos do PIBID e na qualidade do Ensino de História.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, A. D. FERNANDES, M. J. S. **A formação inicial, a prática pedagógica e o processo de tornar-se professor.** Revista práxis educacional. Vitória da Conquista - Bahia, Brasil, v.14, n.30, p. 85 - 110, out./dez, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LUCENA, Maria de Fátima Pereira; SILVA, Maria do Socorro Alencar; ALMEIDA, Maria Lúcia de. **Formação de Professores na Contemporaneidade:** desafios e perspectivas. 2020.
- MOURA, J. S.; RIBEIRO, J. C. O. A.; CASTRO NETA, A. A.; NUNES, C. P. **A precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal.** Uberaba-MG, v.19, n.40, p.01-17, jan./abr. 2019.
- SILVEIRA, D. D.; FIGUEIREDO, M. D.; SALDANHA, E. S.; SILVA, F. N. V.; OLIVEIRA, F. I. M.; SOUSA, R. M.; LUZ, M. G. F.; BRUM, E. C. M. **Formação de professores:** lacunas entre o currículo das licenciaturas e a realidade escolar. Cuadernos de Educación y Desarrollo, v.17, p.1-21, 2025.

